

No HBB, paciente começa

OF-1

17/5/88, TERÇA-FEIRA • 13

a sofrer na própria fila

Conceição Freitas

A falta de seringa descartável vem provocando alguns transtornos na seção de Medicação do Hospital de Base de Brasília (HBB). Ontem pela manhã, a enfermeira encarregada de atender aos pacientes recém-consultados na Clínica Médica informava que havia somente a seringa de vidro mas que não se responsabilizaria por sua utilização. "Vocês é quem sabem. Todo mundo está acompanhando as campanhas (alertando para o perigo da contaminação da Aids) por aí. Eu tenho a seringa de vidro, aplico em quem quiser".

O atendimento na Medicação, iniciado com uma hora de atraso, não difere dos outros a que são submetidos os que procuram o Serviço de Emergência do HBB. Logo cedo, 7h40, havia pouca gente na fila. A segunda-feira só foi esquentar a partir das 8h30, quando mais de 30 pessoas esperavam sua vez nos dois guichês para preenchimento da ficha de atendimento.

Sintomas

Os sintomas relatados são quase sempre os mesmos: náuseas, vertigens, dores no peito, poucos demonstravam sentir dores agudas, insuportáveis. A maioria foi encaminhada à Clínica Médica, para consultas que duravam entre três a seis minutos, quando muito e de portas abertas. A um quadro descrito de náusea, calafrios e diarreia, o médico receitou Plasil, Elixir-Paregórico e Colestasi. Não foram necessárias mais de três ou quatro perguntas para ele dar por encerrada a consulta prolongada apenas por uma conversa do médico com um colega que lhe veio pedir um aparelho de medir pressão em-

prestado e pela lentidão com que preencheu a guia de atendimento e a receita.

Outro paciente pediu um atestado, que lhe foi negado. Uma mulher, enrolada num cobertor e amparada por um rapaz, demonstrava padecer de algum distúrbio grave, mas os poucos minutos de consulta foram suficientes para diminuir o frio. Para o que ela qualificou como "problema de cabeça" foi-lhe receitada uma aplicação do calmante Dipirona.

Os pacientes internados e acomodados em macas nos corredores do hospital — havia doze pessoas nesta situação, nos dois corredores do pronto-socorro —, pareciam conformados com a incômoda situação. Uma mulher dizia estar esperando há alguns dias por uma vaga na enfermaria. Um outro perguntou se havia problema em comer tomando soro. Pouco antes, uma servente distribuía pão francês, manteiga e café-com-leite. Para alguns poucos, melancia e ovo cozido.

Criança

Quando uma criança de não mais de sete anos rolava no chão, impaciente com a espera, alguém comentou: "Desse jeito ela sai daqui morta, se esfregando nesta sujeira". Nem tanta sujeira. No início do expediente, faxineiras limpavam os corredores e banheiros, sem no entanto abastecê-los de papel higiênico. O banheiro feminino, voltado de frente para a pista de entrada do setor de emergência, está com o vitró quebrado e uma fina placa de madeira tenta vedar o buraco, sem muito sucesso.